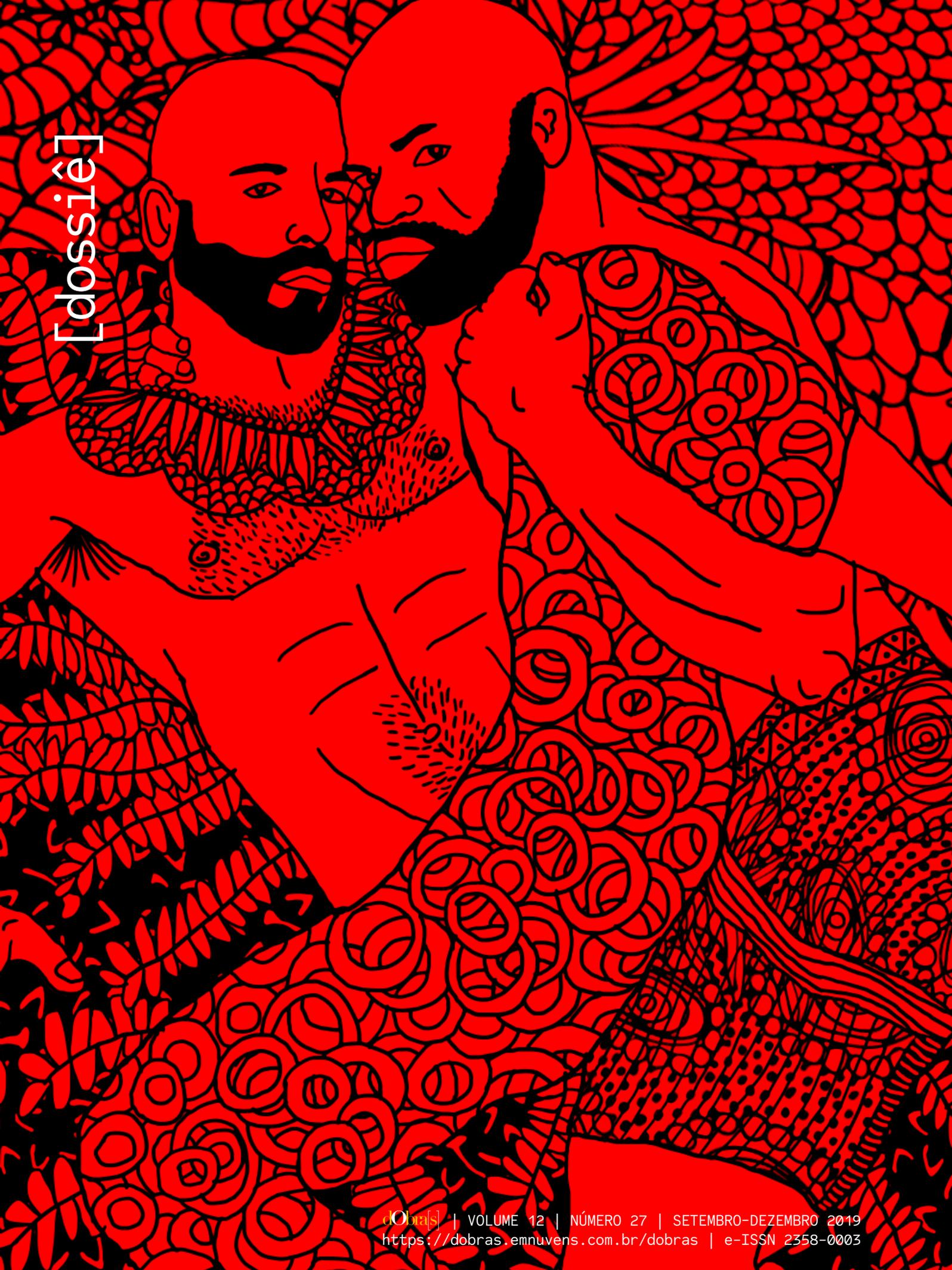


[dossiê]



Práticas corporais e moda esportiva: investigando sujeitos, roupas, performances

Wagner Xavier de Camargo¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4110-647X>

Elisabeth Murilho da Silva²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5156-5170>

Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com *técnicas do corpo*. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é o seu corpo.

(MAUSS, 2003, p. 407, grifos do autor)

A epígrafe que abre este texto é de Marcel Mauss, um sociólogo francês que também tinha um tio famoso, Émile Durkheim, um dos pais da Sociologia. Nesse fragmento destacado de um texto importante (porém, muitas vezes esquecido), Mauss sublinhava a necessidade de entender as técnicas corporais para além da instrumentalização divisional de atos tradicionais em técnicas isoladas ou ritos. Possivelmente, são essas técnicas corporais asentadas em modalidades esportivas que embasam as pesquisas apresentadas a seguir.

Práticas corporais e moda esportiva eram nossos balizadores, particularmente, para criar empatia entre o potencial público de autores/as e a revista dObra[s]. Partindo dessa temática, ampliamos o leque em uma tentativa de compreender o sujeito da/na prática corporal (e) esportiva, suas vestimentas (ou aquilo que, trajando, define uma identidade ou identificação) e suas performances – igualmente corporais (de sexo ou gênero) e mesmo as esportivas. Decidimos, assim, pela chamada *Práticas corporais e moda esportiva: investigando sujeitos, roupas, performances*. Dessa forma, nasceu o dossiê em questão, e a dObra[s], atenta às temáticas emergentes de novas áreas de pesquisa do mundo acadêmico, deu-nos a oportunidade de agregar um time de especialistas para discutir a fundo algumas problemáticas.

¹ Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Membro fundador da Rede Brasil-Alemanha de Internacionalização do Ensino Superior (REBRALINT). Pesquisador colaborador do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). wxcamargo@gmail.com. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790769A3>.

² Pós-doutorada em Ciências Sociais pela École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS-Paris). Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). murilho@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7877894686460721>.

O esporte é um fenômeno atual de suma importância, que fomenta uma indústria multimilionária de roupas, acessórios, equipamentos e mesmo de outras “práticas esportivizadas” (ELIAS, 1992) que o circunda. Ele não apenas envolve milhares de pessoas que o assistem e o praticam (ou ainda, quem com ele trabalha), mas invade a vida de toda essa gente. Quem nunca vestiu uma camiseta amarela da seleção em tempos de Copa do Mundo da FIFA ou não sentiu ansiedade diante do favoritismo de uma atleta brasileira na ginástica artística dos Jogos Olímpicos? O esporte consolida-se como acontecimento midiático e global de amplo espectro, que provoca novas (e outras) subjetivações. Incontáveis pesquisas com torcedores/as de futebol mostram-nos o quanto tal modalidade e suas (distintas) práticas de torcer mexem com os indivíduos.

Portanto, os múltiplos futebóis (TOLEDO; CAMARGO, 2019; KESSLER, 2016), e mesmo o multiesportivismo recorrente nos últimos tempos na sociedade brasileira, os megaeventos esportivos que se tornaram comuns em nossas televisões desde há uma década e ainda a mobilidade de atletas para o exterior (hoje não mais exclusividade dos futebolistas) têm aparecido como efeito pivotante na história da sociedade brasileira contemporânea. Sem nos apercebermos, isso tudo afeta a compreensão que temos do esporte e de suas práticas corporais, muda nossas prerrogativas sobre ele e ainda nos faz subjetivá-lo de modo distinto. Mesmo para quem ignora o esporte ou dele tenta se afastar, não passa ilesa sua representação enquanto um dos símbolos da identidade nacional.

Dessa forma, ainda sem saber se teríamos assistência e interesse por tal interlocução de campos temáticos (quais sejam, o campo das roupas e o dos esportes), abrimos o leque de opções para vários enfoques teórico-conceituais a fim de que compusessem a lista de artigos publicáveis. Lançada a chamada, recebemos uma quantidade razoável de manuscritos, de dentro e fora do país. Entre todos, nossas/os dedicadas/os pareceristas (a quem muito agradecemos) selecionaram seis deles.

Apesar da estrita seleção, gostaríamos de agradecer a todas/os pesquisadoras/es que se interessaram pela proposta e que submeteram seus textos. A sistematização de ideias é sempre produtiva, em que pese nem sempre o escrito atinja o esperado por uma revista. A dObra[s] está sempre disponível para receber outras e novas submissões. Registramos, outrossim, nossos agradecimentos à editora (e amiga) Maria Claudia Bonadio pelo convite, pelo suporte e pelo apoio incondicional perante as intempéries que surgiram pelo caminho.

Dessa forma, com um desequilíbrio de gênero em favor das mulheres, contamos com cinco autoras e dois autores. A maioria é composta por doutoras/es em áreas vinculadas ao esporte e há duas mestras (uma autora e uma coautora). Em termos de localização geográfica, são escritos de pesquisadoras/es de instituições no Sudeste e Sul do país.³

Assim, dois artigos resgatam questões sobre o futebol e suas vestes. Abrimos o dossiê com tais textos em uma alusão à influência de tal modalidade na história esportiva nacional e para demarcar o quanto esta é fundamental para outras práticas esportivas. O primeiro, de autoria de Cláudia Kessler e Fernanda Alves, *Uniformes esportivos de mulheres no futebol:*

³ Instituições no Sudeste: UFSCar/SP, PUC-SP, UFRJ/RJ e UFJF. No Sul: UFSM/RS e PUC-RS.

convenções, subversões e distinções no vestuário, analisa o uso de roupas esportivas por jogadoras de futebol de times no Rio Grande do Sul. A partir de uma experiência etnográfica realizada entre 2011 e 2012, as autoras interrogam-se de que forma os uniformes esportivos de mulheres no futebol suscitam dilemas relacionados à atratividade e à praticidade do vestuário, e tentam compreender como o uniforme influencia em distinções presentes entre as praticantes (“patricinhas” e “humildes”), categorias êmicas que revelaram não apenas distinções de classe, mas também de raça/etnia, particularmente naquela expressão regionalizada do futebol.

(In)vestindo camisas de futebol: moda esportiva e agência na produção das emoções torcedoras, o segundo artigo também tematizando o futebol, é do antropólogo Luiz Henrique de Toledo, que elabora uma reflexão sobre camisas de futebol e o duplo vínculo que estabelecem, qual seja, como dispositivo estético/prostético do consumismo e como instância que possui agência na própria pessoa do torcedor. Sua proposta foi desenvolver os fundamentos simbólicos de produção de relações entre a cultura material expressa pela moda e o universo múltiplo da sociabilidade torcedora no futebol.

Os próximos quatro artigos trazem diferentes referenciais e também trabalham a partir de outras (e distintas) práticas corporais e esportivas na intersecção com as roupas e com a moda. Elisabeth Murilho Silva, uma das organizadoras deste dossiê, resgata a popularização dos esportes e das práticas corporais no fim do século XX a partir da telenovela *Baila Comigo*, exibida em 1981. É com a influência do audiovisual, naquele momento histórico, que há uma popularização das práticas citadas anteriormente e isso transforma o mercado de moda esportiva no país.

O quarto artigo, por sua vez, é de autoria de Michelle Carreirão Gonçalves, pesquisadora da UFRJ, no Rio de Janeiro. Ela resgata um verdadeiro artefato da memória, o *ballet* aquático e as roupas de banho no Rio de Janeiro dos anos 1940 (1947-1949). Trabalhando também a influência que exerciam o cinema e a cultura norte-americana no Brasil desse período histórico, uma nova prática nasceu (o *ballet* aquático), a qual seria precursora do que hoje é o nado artístico. Enquanto prática esportiva, tal expressão figurou no fim dos anos 1940, e como novidade em eventos sociais fora d’água, empolgou os desfiles de moda com as denominadas “roupas de banho”. A autora resgata, portanto, o *maillot* como peça-chave de uma vestimenta ao mesmo tempo esportiva e de lazer, que compunha os ideais de “beleza, graça e harmonia” do universo feminino de então – conforme trabalhou Silvana Goellner (2003) em sua pesquisa.

As práticas ciclísticas adotadas pelos clubes e pelas associações esportivas em Porto Alegre no fim do século XIX e no início do XX deram origem aos desdobramentos analíticos de *Entre uniformes e espartilhos – os trajes de ciclismo do século XIX, da Europa a Porto Alegre*, da pesquisadora Natália Santucci. O texto contém um panorama da relação entre as modas de vestuário e os modismos de atividades físicas ligados ao ciclismo no período considerado e que estimulavam homens e mulheres à prática. A pesquisa histórica trouxe à baila os momentos que draisianas, velocípedes e bicicletas estiveram em voga e as soluções encontradas em termos de vestuário para utilizá-los, bem como a codificação do uso de algumas peças de roupa e as objeções enfrentadas.

Por fim, o sexto e último artigo do dossiê versa sobre práticas corporais (e, de certa forma, esportivizadas) do surfe férreo entre os passageiros da Central do Brasil, que viajavam pendurados nas portas, nas janelas e no teto dos trens, entre os anos 1950 e 1980. Ele é de autoria do pesquisador José Paulo Florenzano, que inova na elaboração reflexiva e aborda o momento que o surfe (enquanto esporte) ainda vive a *Brazilian Storm (tempestade brasileira)*. O texto traça uma analogia entre os surfistas marítimos e tais “surfistas ferroviários” a partir das práticas de jovens que desafiavam a morte naqueles tempos.

Lembrando do que nos disse Bourdieu certa vez, em um texto clássico, ou seja, que tudo indica para a suposição de que a probabilidade de praticar diferentes esportes “depende, em graus diversos para cada esporte, do capital econômico e, de forma secundária, do capital cultural e do tempo livre” (BOURDIEU, 1983, p. 150), para nós, pesquisadoras e pesquisadores do campo acadêmico, depende também de certa dose de aventura intelectual. Além de capital cultural e tempo livre (ultimamente, um pouco exíguo), precisamos estabelecer referências com outras áreas que nos interessam e com as quais trabalhamos, como a moda, o consumo, o mercado, entre outras. O esforço empreendido está registrado neste dossiê.

Desejamos que todas e todos aproveitem a leitura!

Referências

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: _____.; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 139-185.

GOELLNER, Silvana. **Bela, maternal e feminina**. Imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. p. 105-144.

KESSLER, Cláudia Samuel. Futebol ou futebóis: é plural ou singular? In: _____ (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2016. p. 21-41.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-422.

TOLEDO, Luiz Henrique de; CAMARGO, Wagner Xavier. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLiA**. UFMG, v. 3, p. 93-107, 2019.